

Purgando açúcar, pecados e doenças: a herança colonial. A sociedade luso-brasileira, suas doenças e condições sanitárias. Regulamentação sanitária. A Irmandade da Misericórdia: assistência médica como caridade. Saber erudito e saber popular na medicina colonial.

**Saber médico e poder profissional: do contexto luso-brasileiro ao Brasil imperial**

Purgando açúcar, pecados e doenças: a herança colonial. A sociedade luso-brasileira, suas doenças e condições sanitárias. Regulamentação sanitária. A Irmandade da Misericórdia: assistência médica como caridade. Saber erudito e saber popular na medicina colonial.

Purgando açúcar, pecados e doenças: a herança colonial. A sociedade luso-brasileira, suas doenças e condições sanitárias. Regulamentação sanitária. A Irmandade da Misericórdia: assistência

Para saber mais

## LEITURAS

ABREU, Jean Luiz Neves. A Colônia enferma e a saúde dos povos: a medicina das 'luzes' e as informações sobre as enfermidades da América portuguesa. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.14, n.3, jul./set. 2007. <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v14n3/04.pdf>

FLECK, Deckmann. Sobre feitiços e ritos: enfermidades e cura nas reduções jesuítico-guaranis, século XVII. *TOPOI*, v. 6, n. 10, jan./jun. 2005, pp. 71-98. [http://www.revistatopo.org/numeros\\_anteriores/Topoi%2010/topoi10a3.pdf](http://www.revistatopo.org/numeros_anteriores/Topoi%2010/topoi10a3.pdf)

PIMENTA, Tânia Salgado. Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, vol. 11 (suplemento 1): 67-92, 2004. <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v11s1/03.pdf>

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. Nas Trincheiras da Cura. As diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial. Campinas, Unicamp, 2001.

SOARES, Márcio de Sousa. Médicos e mezinheiros na Corte Imperial: uma herança colonial. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, Vol. VII (2), 2001. <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v8n2/a06v08n2.pdf>

VELLOSO, Verônica Pimenta. *Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): práticas e saberes*. Tese de Doutorado em História das Ciências e da Saúde. Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Rio de Janeiro,

2007. <http://www.fiocruz.br/ppghcs/media/farmacianacorteimperial.pdf>

## FILMES

**Brava gente brasileira.** Direção Lúcia Murat. Brasil, 2000. 104 min. Pantanal, 1778, região do Médio-Paraguai, um grupo de soldados acompanha Diogo, astrônomo, naturalista e cartógrafo, recém-formado em Coimbra, que chega à região para fazer um levantamento topográfico para a Coroa Portuguesa. A coluna se encaminha para o Forte Coimbra, permanentemente assediada pelos índios cavaleiros, com quem Portugal está tentando um acordo de paz. Diogo terá de confrontar sua formação “ilustrada” com a dura realidade da colônia. O filme trabalha em torno dessas relações, que representam em última instância o conflito entre os dois mundos e na prática o surgimento de um terceiro, onde os conceitos dos dois lados começam a se desintegrar.

**Xica da Silva.** Direção Carlos Diegues. Brasil, 1976. 107 min. Na segunda metade do século XVIII, a escrava negra Xica da Silva (Zezé Motta) torna-se o centro das atenções no Distrito Diamantino, onde estão as minas mais ricas do país. João Fernandes (Walmor Chagas), representante da Coroa Portuguesa, apaixona-se pela escrava e a transforma na Rainha do Diamante, satisfazendo todos os seus desejos extravagantes. Alertado pelos inimigos do casal, o rei de Portugal manda um emissário a fim de impedir que cresça o poder de Xica da Silva na colônia.

**Chico Rei.** Direção Walter Lima Júnior. Brasil, 1985. 115 min. Em meados do século XVIII, Galanga, rei do Congo, é aprisionado e vendido como escravo. Trazido da África num navio negreiro, recebe o nome de Chico Rei e passa a trabalhar nas minas de ouro de um inimigo do governador de Vila Rica. Escondendo pepitas no corpo e nos cabelos, Galanga habilita-se a comprar sua alforria e, após a desgraça do seu ex-senhor, adquire a mina Encardideira, tornando-se o primeiro negro proprietário. A partir daí, associa-se a uma irmandade para ajudar outros negros a comprarem sua liberdade.

**Hans Staden.** Direção Luís Alberto Pereira. Brasil, 2000. 92 min. O filme conta a história de Hans Staden, viajante alemão que em 1550 naufragou no litoral de Santa Catarina. Após conseguir chegar a São Vicente, passa a trabalhar como artilheiro do Forte de Bertioga. Em janeiro de 1554, dias antes de sua volta à Europa, navegando em um rio, Staden acaba aprisionado por índios tupinambás, tribo inimiga dos portugueses.

**O Outro Lado da Nobreza.** Direção Michael Hoffman. EUA/Inglaterra, 1995. 117 min. Robert Merivel é um talentoso estudante de medicina do século XVII, durante o reinado de Charles II, na Inglaterra. O período é o da restauração inglesa e o destino do jovem Merivel muda radicalmente após ter sido convidado a fazer parte da corte do rei. Durante sua trajetória, Merivel é guiado pelas variáveis correntes de mudança de sua época e de seu coração. Como o seu próprio país, ele também passa por uma fase de “restauração”, na tentativa de encontrar seus verdadeiros valores.

**Atlântico Negro: Na rota dos orixás.** Direção Renato Barbieri. Brasil, 1998. 75 min. O

documentário apresenta a grande influência africana na religiosidade brasileira, mostrando a origem e as raízes da cultura jêje-nagô em terreiros de Salvador, que virou candomblé, e do Maranhão, onde a mesma influência gerou o Tambor de Minas. Um dos momentos mais impressionantes desse documentário é o encontro de descendentes de escravos baianos que moram em Benin, um país africano desconhecido para a maioria dos brasileiros, mantendo tradições do século passado.

## MÚSICA, POESIA E LITERATURA

O samba enredo abaixo é de Aurindo da Ilha e foi interpretado por Martinho da Vila em 1976 para o desfile da escola de samba carioca União da Ilha.

“A História da Liberdade no Brasil”

*Quem por acaso for folhear a História do Brasil*

*Verá um povo cheio de esperança*

*Desde criança*

*Lutando para ser livre e varonil*

*Do nobre Amadeu Ribeira*

*O homem que não quis ser rei*

*A Manoel, o bequimão*

*Que no Maranhão*

*Fez aquilo tudo que ele fez*

*Nos Palmares Zumbi, um grande herói*

*Chefia o povo a lutar*

*Só para um dia alcançar*

*Liberdade*

*Quem não se lembra*

*Do combate aos Emboabas*

*E da chacina dos mascates*

*O amor que identifica*

*O herói de Vila Rica*

*Na Bahia são os alfaiates*

*Escrevem com destemor*

*Com sangue, suor e dor  
A mensagem que encerra o destino  
De um bom menino*

Para ouvir: <http://letras.terra.com.br/martinho-da-vila/287383/>

Na letra da música a seguir, um jongo de Pedro Monteiro (pai de Mestre Darcy, fundador do grupo Jongo da Serrinha, no Rio de Janeiro, no final da década de 1960), quem fala é um negro encarregado de tomar conta de uma botica (antiga denominação das farmácias). Ele diz:

*Eu num é doutô,  
eu num é “fermêro”  
Como vai tomá conta de butica na Piedade?*

*Ai papai, ai mamãe  
Como vai tomá conta de butica na Piedade?*

*Eu num sabe lê,  
eu num sabe “crevê”  
Como vai tomá conta de butica na Piedade?*

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma. Citado por SANTOS, Affonso Carlos Marques (coord). O Rio de Janeiro de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Rioarte, 1983.  
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000013.pdf>

*No interior, e não é preciso afastar-se muito do Rio de Janeiro, as duas medicinas coexistem sem raiva e ambas atendem às necessidades mentais e econômicas da população. A da Sinhá Chica, quase grátis, ia ao encontro da população pobre, daquela em cujos cérebros, por contágio ou herança, ainda vivem os manitus e manipansos, sujeitos a fugirem aos exorcismos, benzeduras e fumigações. A sua clientela, entretanto, não se resumia só na gente pobre da terra, ali nascida ou criada; havia mesmo*

*recém-chegados de outros ares, italianos, portugueses e espanhóis, que se socorriam da sua força sobrenatural, não tanto pelo preço ou contágio das crenças ambientes, mas também por aquela estranha superstição européia de que todo o negro ou gente colorida penetra e é sagaz para descobrir as coisas malignas e exercer a feitiçaria.*

*Enquanto a terapêutica fluídica ou herbácea de Sinhá Chica atendia aos miseráveis, aos pobretões, a do Doutor Campos era requerida pelos mais cultos e ricos, cuja evolução mental exigia a medicina regular e oficial.*

*Às vezes, um de um grupo passava para o outro; era nas moléstias graves, nas complicadas, nas incuráveis, quando as ervas e as rezas da milagrosa nada podiam ou os xaropes e pílulas do doutor eram impotentes.*

*Sinhá Chica não era lá uma companheira muito agradável. Vivia sempre mergulhada no seu sonho divino, abismada nos misteriosos poderes dos feitiços, sentada sobre as pernas cruzadas, olhos baixos, fixos, de fraco brilho, parecendo esmalte de olhos de múmia, tanto ela era encarquilhada e seca.*

*Não esquecia também os santos, a santa madre igreja, os mandamentos, as orações ortodoxas; embora não soubesse ler, era forte no catecismo e conhecia a história sagrada aos pedaços, aduzindo a eles interpretações suas e interpolações pitorescas.*

*Com o Apolinário, o famoso capelão das ladainhas, era ela o forte poder espiritual da terra. O vigário ficava relegado a um papel de funcionário, espécie de oficial de registro civil, encarregado dos batizados e casamentos, pois toda a comunicação com Deus e o invisível se fazia por intermédio de Sinhá Chica ou do Apolinário. É de dever falar em casamento, mas bem podiam ser esquecidos, porque a nossa gente pobre faz uso*

*reduzido de tal sacramento e a simples mancebia, por toda a parte, substitui a solene instituição católica.*

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. O Moleque. Citado por SANTOS, Affonso Carlos Marques (coord). O Rio de Janeiro de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Rioarte, 1983. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000156.pdf>

*Nas suas redondezas, é o lugar das macumbas, das práticas de feitiçaria com que a teologia da polícia implica, pois não pode admitir nas nossas almas depósitos de crenças ancestrais. O espiritismo se mistura a eles e a sua difusão é pasmosa. A Igreja católica unicamente não satisfaz o nosso povo humilde. É quase abstrata para ele, teórica. Da divindade, não dá, apesar das imagens, de água benta e outros objetos do seu culto, nenhum sinal palpável, tangível de que ela está presente. O padre, para o grosso do povo, não se comunica no mal com ela; mas o médium, o feiticeiro, o macumbeiro, se não a recebem nos seus transe, recebem, entretanto, almas e espíritos que, por já não serem mais da terra, estão mais perto de Deus e participam um pouco da sua eterna e imensa sabedoria.*

*Os médiuns que curam merecem mais respeito e veneração que os mais famosos médicos da moda. Os seus milagres são contados de boca em boca, e a gente de todas as condições e matizes de raça a eles recorre nos seus desesperos de perder a saúde e ir ao encontro da Morte. O curioso – o que era preciso estudar mais devagar – é o amálgama de tantas crenças desconstruídas a que preside a Igreja católica com os seus santos e beatos. A feitiçaria, o espiritismo, a cartomancia e a hagiologia católica se baralham naquelas práticas, de modo que faz parecer que de tal baralhamento de sentimentos religiosos possa vir nascer uma grande religião,*

*como nasceram de semelhantes misturas as maiores religiões históricas.*

*Na confusão do seu pensamento religioso, nas necessidades presentes de sua pobreza, nos seus embates morais e dos familiares, cada uma dessas crenças atende a uma solicitação de cada uma daquelas almas, e a cada instante de suas necessidades.*

## SITES

Sobre a Funai - <http://www.funai.gov.br/>  
Sobre a África - <http://www.smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos.php>

## DE OLHO NO CONTEÚDO

Olhar a realidade das práticas médicas na colônia é perceber que toda ela foi construída a partir da junção dos diferentes saberes que compunham aquele espaço. Índios, negros e colonos praticavam, de diferentes formas, suas atividades curativas. O Estado português não deixou de controlar este campo, determinando o lugar de cada um: à igreja cabia curar as dores e perigos da alma, enquanto o corpo físico deveria ficar aos cuidados dos cirurgiões e boticários. Porém, nem sempre essa imposta divisão funcionava. Práticas terapêuticas misturavam-se com uma gama de benzeduras e encantamentos no cotidiano colonial. A insalubridade e as precárias condições de saúde reforçavam os elos entre os saberes populares e a medicina, que aos poucos se fazia “mais acadêmica”. Um bom exercício para apreendermos as questões da saúde nesse momento da história do Brasil é voltarmos nossa atenção para o ordenamento realizado pelo Estado, durante o período da colonização ao final do século XIX, percebendo como

foram enquadradas de forma sempre nociva as práticas populares, reforçando assim desigualdades e distanciamentos sociais. Reflita sobre essa questão.

## DE OLHO NAS IMAGENS

Observando atentamente as imagens, podemos notar claramente alguns elementos que traduzem a construção do processo de aproximação entre o saber erudito e o saber popular na medicina colonial, principalmente a partir do século XVIII. Você é capaz de destacar esses elementos?



